



# ATAS



---

**11-13 OUTUBRO 2018**

FACULDADE DE PSICOLOGIA E  
DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# ATAS do XIV Congresso SPCE

## Ciências, Culturas e Cidadanias

### COORDENAÇÃO

Ana Maria Seixas (Coord.)

António Gomes Ferreira

Isabel Menezes

Almerindo Janela Afonso

Armanda Matos

Maria Figueiredo

Cristina C. Vieira

Isabel Moio

### ISBN

978-989-99775-5-6

### Data

Dezembro de 2019

### Local de Edição

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

**Nota:** Os conteúdos dos textos integrantes desta obra são da responsabilidade dos/as seus/suas autores/as, não representando necessariamente a posição da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, das Comissões Organizadora e Científica do Congresso e da Coordenação destas Atas.

### Apoios



## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

**Ana Maria Seixas**

Universidade de Coimbra

**António Gomes Ferreira**

Universidade de Coimbra

**Isabel Menezes**

Universidade do Porto

**Almerindo Janela Afonso**

Universidade do Minho

**Armanda Matos**

Universidade de Coimbra

**Maria Figueiredo**

Instituto Politécnico de Viseu

**Cristina C. Vieira**

Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

**Albertina Oliveira** Universidade de Coimbra  
**Alice Tavares** Universidade Katyavala Bwila  
**Amélia Lopes** Universidade do Porto  
**Amélia Marchão** Instituto Politécnico de Portalegre  
**Ana Amélia Carvalho** Universidade de Coimbra  
**Ana Luísa Pires** Instituto Politécnico de Setúbal  
**Ana Paula Caetano** Universidade de Lisboa  
**Ana Paula Cardoso** Instituto Politécnico de Viseu  
**António Fragoso** Universidade do Algarve  
**António Magalhães** Universidade do Porto  
**António Neto Mendes** Universidade de Aveiro  
**António Nóvoa** Universidade de Lisboa  
**António Teodoro** Universidade Lusófona  
**Bartolomeu Varela** Universidade de Cabo Verde  
**Belmiro Cabrito** Universidade de Lisboa  
**Carlinda Leite** Universidade do Porto  
**Carlos Augusto Pires** Instituto Politécnico de Lisboa  
**Carlos Barreira** Universidade de Coimbra  
**Carlos Reis** Universidade de Coimbra  
**Cármem Cavaco** Universidade de Lisboa  
**Catarina Tomás** Instituto Politécnico de Lisboa  
**Cristina Azevedo Gomes** Instituto Politécnico de Viseu  
**Cristina Zukowsky Tavares** Universidade Adventista de São Paulo  
**David Rodrigues** Associação N. de Docentes de Educação Especial  
**Domingos Fernandes** Universidade de Lisboa  
**Ernesto Candeias Martins** Instituto Politécnico de Castelo Branco  
**Fátima Antunes** Universidade do Minho  
**Fernanda Martins** Universidade do Minho  
**Francisco de Sousa** Universidade dos Açores  
**Gabriela Portugal** Universidade de Aveiro  
**Geovana Lunardi** Universidade do Estado de Santa Catarina  
**Helena Araújo** Universidade do Porto  
**Isabel Baptista** Universidade Católica Portuguesa  
**Isabel Festas** Universidade de Coimbra  
**Isabel Fialho** Universidade de Évora

**Jesus Maria de Sousa** Universidade da Madeira  
**Joana Brocardo** Instituto Politécnico de Setúbal  
**João Barroso** Universidade de Lisboa  
**Joaquim Azevedo** Universidade Católica Portuguesa  
**Jorge Adelino Costa** Universidade de Aveiro  
**Jorge Ávila de Lima** Universidade dos Açores  
**Jorge Ramos do Ó** Universidade de Lisboa  
**José Carlos Morgado** Universidade do Minho  
**José Matias Alves** Universidade Católica Portuguesa  
**Licínio C. Lima** Universidade do Minho  
**Luís Miguel Carvalho** Universidade de Lisboa  
**Luís Mota** Instituto Politécnico de Coimbra  
**Manuel António Ferreira da Silva** Universidade do Minho  
**Maria Augusta do Nascimento** Universidade de Coimbra  
**Maria da Conceição Azevedo** Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
**Maria da Graça Bidarra** Universidade de Coimbra  
**Maria João Cardona** Instituto Politécnico de Santarém  
**Maria João Duarte Silva** Instituto Politécnico de Lisboa  
**Maria Luísa Branco** Universidade da Beira Interior  
**Maria Teresa Pessoa** Universidade de Coimbra  
**Mariana Gaio Alves** Universidade Nova de Lisboa  
**Martins Vilanculos Laita** Universidade Católica de Moçambique  
**Monica Fantin** Universidade Federal de Santa Catarina  
**Natália Ramos** Universidade Aberta  
**Paula Cristina Guimarães** Universidade de Lisboa  
**Pedro Abrantes** Instituto Universitário de Lisboa  
**Pedro Silva** Instituto Politécnico de Leiria  
**Rosanna Barros** Universidade do Algarve  
**Rui Marques Vieira** Universidade de Aveiro  
**Sandra Valadas** Universidade do Algarve  
**Sara Araújo** Instituto Politécnico do Porto  
**Sofia Bergano** Instituto Politécnico de Bragança  
**Sofia Marques da Silva** Universidade do Porto  
**Teresa Carvalho** Universidade de Aveiro  
**Teresa Leite** Instituto Politécnico de Lisboa  
**Tiago Neves** Universidade do Porto



## NOTA INTRODUTÓRIA

O XIV Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) teve lugar em Coimbra, de 11 a 13 de outubro de 2018, tendo como instituição anfitriã a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (FPCE) da Universidade de Coimbra. Com o título “Ciências, Culturas e Cidadanias” e realizado no Ano Europeu do Património Cultural, o congresso foi um espaço de partilha de conhecimentos científicos na área da educação e em domínios afins. Num tempo em que as fronteiras geopolíticas dos diferentes países do mundo, e a organização social no interior dos mesmos, enfrentam grande instabilidade, com consequências imprevisíveis para a garantia dos direitos humanos, é fundamental convocar a pluralidade e a transdisciplinaridade das Ciências da Educação, para dar resposta aos desafios atuais de forma ética, salvaguardando o valor da vida humana e a sustentabilidade das gerações presentes e futuras.

Com o objetivo de dar visibilidade a trabalhos científicos feitos em Portugal e no estrangeiro, promovendo redes profícuas entre investigadores/as, estudantes e profissionais, publicam-se nesta obra todos os textos enviados, com exceção de uma parte que integrará um número da Revista *Investigar em Educação*, da SPCE, dedicado a este evento.

Por questões editoriais, e na tentativa de respeitar dentro do possível uma linguagem inclusiva, foram feitas pequenas alterações aos textos aqui incluídos, sem modificar o seu sentido e conteúdos. A sequência dos trabalhos nesta obra segue as linhas temáticas organizadoras do programa do congresso e o número atribuído aos mesmos resulta da ordem de apresentação das propostas.

A diversidade de temáticas, de abordagens teóricas e empíricas e a variedade de proveniências institucionais das pessoas que assinam os trabalhos constituem argumentos mais do que suficientes para estimular uma leitura reflexiva desta publicação, que possa contribuir para o enriquecimento de saberes e de práticas no domínio da educação.

Pela Comissão Organizadora,

*Ana Maria Seixas e Cristina C. Vieira*

## 035. HISTÓRIAS NA JUVENTUDE FEMININA – O CASO DA MATERNIDADE

Helena Isabel Pinto dos Santos<sup>1</sup>, Florbela Maria da Silva Samagaio Gandra<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (PORTUGAL), [helenasantos\\_13@hotmail.com](mailto:helenasantos_13@hotmail.com)*

<sup>2</sup>*Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (PORTUGAL), [fsg@eseepf.pt](mailto:fsg@eseepf.pt)*

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo central expor alguns elementos resultantes da análise de trajetórias de vida de jovens mulheres, de certa forma marcadas por uma maternidade precoce, tendo em conta as redes de suporte familiar e social e partindo do pressuposto de que as trajetórias de vida poderão ser perspetivadas como “processos que explicam a ‘superação’ de crise e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (Yunes, 2001, 2003; Barlach 2005). As trajetórias de vida apresentam fatores e níveis de dificuldade que poderão obstar à inserção social dos indivíduos e originando momentos de resiliência construída permanentemente através do confronto diário com regras, normas, funcionamento e gestão dos projetos de vida. A vivência da gravidez pela adolescente (Erickson, 1972) caracteriza-se por alguns aspetos afetivos e emocionais particulares. Descobrir a gravidez neste período pode ser um momento desorganizador e vivido com grande sofrimento, “sentimentos de pecado e de culpa”, exigindo um ajustamento a nível psicológico individual e familiar difíceis de serem aceites. “Numa complexa etapa do desenvolvimento individual e familiar, e sobre a qual tanto se tem escrito, a adolescente grávida é confrontada com uma perspectiva de futuro próximo em que terá que lidar com tarefas adultas para as quais ainda não se sente preparada psicológica e socialmente (Lourenço, 1998). Procuramos, assim, apresentar alguns elementos de análise relacionados com momentos de vida e que, numa lógica de intervenção social comunitária, exigem uma atuação concertada em prol da integração social.

Palavras-chaves: resiliência, histórias de vida, trajetórias de vida, gravidez na adolescência.

### Abstract

The present work has the main objective to expose some elements resulting from the analysis of life trajectories of young women, to a certain extent marked by an early maternity, taking into account the networks of family and social support and starting from the assumption that the life trajectories can be seen as "processes that explain the" overcoming "of crisis and adversities in individuals, groups and organizations" (Yunes, 2001, 2003; Barlach 2005). The life trajectories present factors and levels of difficulty that may impede the social insertion of individuals and creating moments of resilience permanently built through daily confrontation with rules, norms, functioning and management of life projects. The experience of pregnancy by the adolescent (Erickson, 1972) is characterized by some particular affective and emotional aspects. Discovering the pregnancy in this period can be a disorganizing and lived with great suffering, "feelings of sin and guilt," requiring a psychological adjustment individual and family difficult to accept. "In a complex stage of individual and family development, and on which much has been written the pregnant teenager is confronted with a near future perspective in which she will have to deal with adult tasks for which she does not yet feel psychologically and socially prepared. (Lourenço, 1998). We thus try to present some elements of analysis related to moments of life and that, in a logic of community social intervention, require a concerted action in favor of social integration.

Keywords: resilience, life histories, life trajectories, teenage pregnancy.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Intervenção Comunitária da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. A Intervenção Comunitária tem um papel fulcral na vida destes grupos considerados vulneráveis.

“Devemos destacar que na base da construção de um processo de intervenção comunitária com vista ao desenvolvimento local encontramos cinco eixos fundamentais: capital social, sustentabilidade, *empowerment*, construção de capacidades e o desenvolvimento de novos recursos” (Samagaio, 2017, p. 133). Neste sentido, pretendemos olhar para as trajetórias de vida de algumas mulheres que foram mães numa idade atualmente e, do ponto de vista social, entendida como precoce, de um modo integrado, quer ao nível da complexidade do fenómeno quer ao nível da intervenção social junto do mesmo.

A gravidez na adolescência é uma problemática que, do ponto de vista social e sociológico não tem sido objeto de reflexão académica e científica em Portugal. Segundo Lourenço (1998), a definição de “gravidez na adolescência” está ligada à definição de adolescência. Posto isto, aumenta a dificuldade em selecionar os critérios que definem “adolescência” e, conseqüentemente, em delimitar o quadro de estudo da gravidez na adolescência. Benoit e colaboradores (1988, p. 3, citado por Lourenço 1998, p. 50) afirmam que “Entre a infância e a idade adulta, a adolescência é caracterizada por um processo de maturação que possibilita ao indivíduo de adquirir um leque de elementos lhe permitir a autonomização em relação à família de origem. Os elementos referidos são de ordem psicológica, económica, profissional e cultural (...)”. Contudo, em relação ao conceito de adolescência, este é definido por uns como modificações do corpo que ocorrem naturalmente nesta fase e com essas mesmas modificações atingimos a maturidade sexual e a capacidade de reproduzir. Para Levinsky (1995, citado por Bock, 2007 p. 64), implica representações sociais sendo que “a que adolescência é caracterizada consoante pelo modo que a sociedade a representa”.

O fenómeno da gravidez na adolescência, embora relativamente invisível no panorama da investigação social, apresenta dados estatísticos relevantes. A recolha de dados levada a cabo pelo Instituto Nacional de Estatística, assim como nos Relatórios dos Registos das Interrupções da Gravidez, aponta para o facto de o número de gravidezes na adolescência ter vindo a descer, mas ainda assim mantem uma expressividade significativa. Estes resultados poderão ter que ver com o número de adolescentes que engravidam fora do casamento ou de uma “relação afetiva minimamente estável”. Através do presente trabalho de investigação percebemos que estas circunstâncias são facilmente perceptíveis na vida das mães adolescentes entrevistadas, uma vez que as mesmas afirmam ter engravidado quando namoravam com o progenitor dos seus filhos, sendo que estes não constituíam elementos presentes numa relação de estabilidade, verificando-se mesmo situações resultantes de contextos sociais desestruturados. Ou seja, não raramente, o progenitor dos filhos é o padrasto da jovem mãe e/ou o companheiro da respetiva mãe.

Ser mãe numa idade precoce, no período que antecede a maioridade de acordo com a Constituição da República Portuguesa e com a Convenção dos Direitos da Criança, isto é, os 18 anos, conduz frequentemente ao abandono escolar, comprometendo o futuro e colocando-as em risco de vulnerabilidade social e financeira atendendo aos eventuais trabalhos precários a que ficam sujeitas pela insuficiência dos níveis de habilitações literárias.

Para uma melhor perceção do estudo realizado, apresentamos de seguida os seus objetivos:

- a) Conhecer os projetos/percursos de vida, através da história de vida, de jovens que foram mães adolescentes;
- b) Identificar as causas que levaram à ocorrência da gravidez na adolescência;
- c) Identificar as conseqüências da gravidez precoce nas trajetórias de vida;
- d) Alertar para a necessidade de uma intervenção comunitária junto deste fenómeno.

O estudo foi realizado num contexto de trabalho técnico – em regime de voluntariado. Mobilizou a metodologia de investigação qualitativa, fundamentalmente a de proximidade face à realidade social onde a população entrevistada se encontra, para assim responder, de forma objetiva e clara, à pergunta de partida: qual o impacto da gravidez na adolescência nas trajetórias de vida das jovens?

As jovens entrevistadas encontram-se atualmente institucionalizadas numa Comunidade de Inserção, situada no concelho do Porto, onde estivemos integrados desde do mês de outubro 2017 a junho de 2018 para compreender a dinâmica institucional, assim como para criar laços de confiança com as jovens que pretendíamos entrevistar para a nossa investigação.

Este trabalho pretende ser uma janela aberta para esta problemática, ou seja, um primeiro passo para que se proceda a um estudo mais aprofundado e representativo desta realidade. Temos a noção de que se trata de um estudo exploratório. Na linha de pensamento de Poirier, Clapier-Vallado e Raybaut, (1999), são vários os usos que poderemos dar à metodologia da história de vida. Considerando a complexidade da problemática em questão, a qual perpassa a privacidade e a própria intimidade das jovens, tivemos, desde o início, duas preocupações fundamentais. A primeira prende-se com a garantia da confidencialidade dos dados e a proteção da identidade das entrevistadas para o que acionámos os princípios éticos da investigação social e salvaguardamos o nosso trabalho com base na relação de confiança estabelecida traduzida em consentimento informado. A segunda tem que ver com a expressividade do número de entrevistadas. Sabíamos, desde o início, que não seria fácil. Neste sentido, reconhecemos as limitações deste trabalho a este nível.

Podemos afirmar que utilizámos a metodologia da história de vida quase como um testemunho único. Assim, e para Poirier e colaboradores (1999, p. 89),

A história de vida fechada sobre si mesma quer dar à banalidade da vida quotidiana uma dimensão sociológica, história ou literária, pondo em evidência o valor intrínseco do documento pessoal. Esta narrativa isolada, feita ao acaso de um encontro ou graças a relações preexistentes, é bem um “objecto composto” entre a ciência e a literatura.

No âmbito da intervenção comunitária torna-se fundamental empreender uma abordagem deste tipo, que possibilite a construção dum acervo de conhecimento capaz de realizar uma ação concertada com o indivíduo. Trata-se de uma área de trabalho social desafiante e requer outras metodologias de ação e de difusão de experiências inovadoras (Guerra, 2001).

## **2. JOVENS MÃES ADOLESCENTES EM CONTEXTOS DE VIDA COMPLEXOS: ENQUADRAMENTO DE UMA PROBLEMÁTICA**

As questões relacionadas com a criança e a infância, ou os jovens e a juventude, na sociedade moderna são, fundamentalmente, percecionadas de acordo com três tendências de análise: o critério biológico, o critério e a análise geracionais e, finalmente, a consideração da infância/juventude como uma construção social. O critério pragmático da diferenciação da criança face ao ser adulto é o da idade biológica. Deste modo, e do ponto de vista estatístico, a criança é o indivíduo com idade compreendida entre os 0 e os 14 anos, o que, logo à partida, levanta, para um autor como A. Prout (2000 a, b, 2005), questões no que concerne ao entendimento da criança, para quem a respetiva realidade é difusa e híbrida. Neste sentido, existem várias infâncias (1ª infância; 2ª infância e 3ª infância), atendendo às fases do desenvolvimento cognitivo da criança, o que nos leva, numa perspetiva mais alargada, ou seja, no âmbito das ciências sociais, a perceber que criança é aquele indivíduo que, como refere Almeida (2009, p.79) “ainda não acedeu à plena cidadania”. A visão jurídica, de certa forma suportada pela análise social, define como criança o ser com idade compreendida entre os 0 e os 18 anos, sendo que aqui, o menor é definido pela maioridade legal. No caso da Convenção dos Direitos da Criança, a definição que se propõe é abrangente, isto é, procura ser aplicável ao maior número possível de casos, considerando como limite etário superior os 18 anos de idade, a idade consensual, entre os Estados aderentes, em que o jovem atinge a maioridade legal. É o que podemos verificar no art.º 1.º da referida Convenção, assim como na Carta Europeia dos Direitos da Criança.

A perspetiva da infância considerada como fase de vida ou, simplesmente, geração, procura reunir uma série de informação estatística que possibilita a caracterização das condições de vida e dos modos de vida das crianças, de forma a autonomizar esta fase de vida, do ponto de vista académico e científico, para melhor proceder à comparabilidade europeia. Procura-se “desenhar um retrato macro (...) que sinalize o lugar, o peso e as modalidades de participação das crianças nas várias frentes de produção da vida social, designadamente: família, escola, trabalho, consumo, lazer e cultura. Nesta linha de análise, são as crianças que constituem a unidade fundamental de observação e de análise, o que reforça a ideia de que as crianças, antes de serem seres em transição, para um estágio mais avançado, são considerados como sujeitos

ativos no presente. A análise sociológica da infância leva-nos necessariamente à consideração deste admirável mundo novo e diferente, do ponto de vista acadêmico, como conjunto diferenciado de infâncias. São vastos e diferentes os próprios mundos da criança e, segundo Almeida (2009), um olhar sociológico sobre o conjunto da infância não é suficiente, na medida em que esta constitui uma realidade muito vasta.

Se é certo que a análise deverá, por um lado, reforçar os traços da homogeneidade que possibilitam fazer da infância uma categoria geracional, por outro lado, a análise sociológica deverá ser capaz de destringir e dar visibilidade à sua diversidade interna, aos mundos diferenciados e culturais da infância.

Há uma imagem universal da criança que se procura afirmar através da aplicação e do exercício dos direitos patentes na Convenção dos Direitos sobre a Criança. Há crianças, há uma infância enquanto fase de vida, de natureza geracional, e há infâncias enquanto mundos culturais diversos onde devem ser tidos em conta fatores como, por exemplo, o sexo, a etnia, a categoria etária, a origem social, o contexto de residência, o contexto e o trajeto de vida ou, simplesmente, a escola que frequenta e os respetivos pares. Referimo-nos, pois, a uma imagem da criança plural, entendida na multiplicidade dos mundos infantis, como refere Sarmiento (2000 a, b, c), na variedade das suas condições de vida, na diversidade das suas famílias, dos seus modos de vida, dos seus consumos e dos seus lazeres, entre outros. No fundo, aplica-se a mesma lógica de construção social da juventude, o que leva J. Machado Pais (1996) a referir-se a *Culturas Juvenis*.

Para A. Prout (2000 a, b, 2005), é, efetivamente, em finais do século XX que se começa a desenhar um “novo paradigma sociológico” sobre a infância. O autor aponta algumas ideias chave: a infância é uma construção social, resultante de um determinado espaço e tempo históricos. O sentimento da infância, a representação da criança como ser específico e diferente face ao adulto, resultante de um processo de privatização e sentimentalização da vida familiar, levado a efeito por uma burguesia em ascensão social, possibilitam atribuir à criança um estatuto próprio e lugares específicos no âmbito do processo de socialização, envolvendo fundamentalmente a família e a escola. Esta última, ao possibilitar a concretização de um ofício para a criança, constitui o seu espaço de visibilidade social, por excelência, na sociedade atual.

Estas tendências de evolução social permitem que hoje, e em função da nossa análise, além de considerarmos a infância como um fenómeno complexo e plural, a encaremos simultaneamente como uma fase de vida e como uma categoria geracional, como referem Qvortrup (1991, 1995, 2000) e A. Prout.

Outros autores têm contribuído para esta visão da criança, enquanto ser socialmente competente. Neste sentido, podemos apontar os trabalhos empíricos levados a efeito por Patrick Rayou (2005), por exemplo, ao nível das competências escolares das crianças. Na sua linha de pensamento, devemos ter em conta o processo de desinstitucionalização em curso, perante o qual a criança e/ou o jovem já não podem ser vistos como seres antissociais que têm que se socializar rapidamente. Devemos então considerar as crianças como seres em permanente construção. Neste sentido, o autor aponta a escola e o tempo que as crianças passam nela, não só como um tempo crucial de socialização, mas sobretudo como um espaço onde são constantemente colocadas à prova, através, por exemplo, da realização de testes de avaliação de competências confrontando-se com desafios, à semelhança dos adultos. A vida social, o desempenho de papéis sociais, assim como a transição entre eles, tornam-se matrizes de enquadramento de socialização dos indivíduos e fazem parte integrante da vida da criança e do jovem, assim como do adulto.

Para a afirmação deste (novo) paradigma construtivista, em muito contribui toda a produção teórica e científica realizada ao longo do século XX.

Nesta investigação procuramos acentuar a dimensão construtivista da socialização (Berger & Luckmann, 1997) e inscrevemos o nosso pensamento fundamentalmente em dois autores: Annick Percheron (1993) e William Corsaro (1993). Na verdade, enquanto a primeira procede a uma conjugação pertinente entre Durkheim e Bourdieu, o segundo centra a sua atenção no universo interpretativo e reprodutivo da criança. De facto, para Percheron o processo de socialização possui a função de assegurar a homogeneidade da sociedade e, especialmente, de assegurar uma consciência coletiva que deverá ser transmitida às gerações seguintes, operando a integração social. A autora tem ainda em linha de conta, sob a influência de Durkheim,

a necessidade de se considerar no processo de aprendizagem, empreendido pelas crianças, o respetivo meio social. Contudo, e por outro lado, a criança é o ator do seu próprio processo de socialização.

O conceito de juventude, segundo José Machado Pais (1996, p. 140),

começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma «unidade social», um grupo dotado de «interesses comuns» e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação (...) nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária».

No entanto, a questão que se coloca à sociologia da juventude não é apenas de explorar os possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos de jovens, mas principalmente as diferenças sociais que existem entre eles (Pais, 1996).

A sociologia da juventude possui duas tendências distintas. Uma delas toma a juventude como um conjunto social em que o principal atributo é ser constituído por indivíduos que pertencem a uma dada «fase de vida», focando-se na busca dos aspetos mais uniformes e homogéneos que caracterizam a fase da vida onde “pertencem”, ou seja, aspetos que fazem parte de uma «cultura juvenil», específica, portanto, de uma geração com limites em termos etários. A outra tendência coloca a juventude como um conjunto social diversificado, com diferentes culturas juvenis, diferentes classes sociais, situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais, isto é, “a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em diferentes situações sociais” (Pais, 1996, p. 140).

Contudo, a juventude é apresentada como um problema social que abrange os problemas da inserção profissional, os problemas de falta de participação social, os problemas da droga, os problemas de delinquência, os problemas com a escola, os problemas com os pais. Ou seja, refletindo as representações do senso comum que predominam sobre a juventude (Pais, 1996).

Em suma, a noção de juventude somente adquiriu uma certa consistência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento – com os consequentes «problemas sociais» daí derivados – dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida. (Pais, 1996, p.156)

### 3. METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia de investigação escolhida no presente trabalho foi a metodologia qualitativa, segundo Pérez Serrano (1994, citado por Esteban, 2010). A pesquisa qualitativa considera-se como um processo ativo, sistemático e rigoroso, na qual se tomam decisões sobre o que é pesquisado quando se está no campo de estudo, com descrições detalhadas de situações, acontecimentos, de pessoas, interações e comportamentos que observamos e que atribuem voz aos participantes, com as suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal e qual pela forma expressada por eles mesmos (Esteban, 2010).

A técnica de recolha de dados que foi utilizada primordialmente foi a entrevista exploratória realizada na Comunidade de Inserção à Diretora Técnica da valência CI para compreender na perspetiva do informante privilegiado o fenómeno da gravidez na adolescência.

O estudo de caso como estratégia de investigação na nossa perspetiva será a mais apropriada para o presente projeto. Para Yin (2005, citado por Meirinhos, & Osório, 2010), o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos. O estudo de caso possui uma diversidade de formas de recolha de informação. Entre vários instrumentos de recolha, a que tem mais pertinência para a investigação é a entrevista individual que, segundo Meirinhos e Osório (2010), é uma das fontes de informação mais importantes

nos estudos de caso. A entrevista é um instrumento que capta a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade.

Segundo Flick (2004, citado por Meirinhos, & Osório, 2010), o interesse pelas entrevistas semiestruturadas está associado à expectativa de que é mais provável que os sujeitos entrevistados expressem os seus pontos de vista numa situação de entrevista desenhada de forma relativamente aberta do que numa entrevista estandardizada ou num questionário. Ou seja, não é completamente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas diretas (Quivy & Campenhoudt, 1998).

#### **4. JOVENS MÃES EM CONTEXTO DE COMUNIDADE DE INSERÇÃO: ALGUNS RESULTADOS DA PESQUISA**

A gravidez ocorrida na adolescência produz influências nos projetos de vida das grávidas adolescentes. A gravidez ocorrida na adolescência é ponto central deste trabalho, uma vez que as questões de investigação procuravam obter resposta no sentido de perceber as causas deste acontecimento, na altura em que ocorreu e as influências que o mesmo teve nos seus projetos e percursos de vida. Perante isto, e após análise dos dados as trajetórias de vida das jovens, ficaram afetadas devido à gravidez em tenra idade.

1. O abandono escolar foi a primeira consequência de duas das três entrevistadas.
2. A contraceção e planeamento familiar. Duas das três entrevistadas aplicaram incorretamente os conhecimentos relativamente à contraceção e a terceira jovem foi pela não aceitação do corpo do método contraceptivo utilizado na altura (implanon). É importante referir que as duas jovens que tomavam a pílula como método contraceptivo foram as duas entrevistadas que não tiveram acesso à educação sexual, ao longo do seu percurso escolar. O seu primeiro contacto com este tema foi no planeamento familiar para lhes ser prescrito o método contraceptivo, tendo sido encaminhadas pelas instituições onde estiveram anteriormente. Percebemos com o presente trabalho que a gravidez na adolescência produz consequências que se repercutem na sua maioria no abandono escolar, o que se vai refletir mais tarde a nível profissional. Baixas qualificações literárias conduzem a empregos precários ou com baixos salários, o que poderá, conseqüentemente, ter implicações na qualidade de vida devido ao poder de compra. No nosso estudo verificamos com o discurso das entrevistadas um ponto interessante que é a resiliência.
3. A institucionalização presente na trajetória de vida das jovens neste estudo. São adolescentes que vivenciaram situações adversas, institucionalizações, desentendimentos familiares, entre outros, mas foram capazes de desenvolver atributos pessoais. No que diz respeito aos percursos de vida das jovens, as mesmas consideram que irão ao encontro das suas expectativas e dos seus projetos de vida delineados antes de engravidarem. No entanto, salvaguardam que depois do nascimento do bebé as suas escolhas e opções de vida serão tomadas tendo em consideração o filho.

Perante a análise dos dados das entrevistas, concluímos que os projetos de vida das jovens por vezes são espelhados nos projetos de vida que desejam para os seus filhos. Essas influências repercutem-se, essencialmente, ao nível da educação, onde a escola não demonstra ser um ponto fulcral na vida das jovens nem um impulsionador para uma melhor qualidade de vida e para atingir um nível profissional estável e seguro. Neste trabalho de investigação conseguimos compreender que a reprodução social é um aspeto presente na vida de duas jovens que engravidaram, uma com 16 anos e outra com 15 anos, uma vez que as mães das mesmas também foram mães pela primeira vez aos 17 e aos 16 anos de idade.

Durante o período em que a gravidez na adolescência decorre é importante que as jovens tenham apoio, ou seja, uma rede de suporte, quer ao nível da família, do companheiro, do grupo de pares/amigos e dos profissionais de saúde, com a qual possam contar. Neste contexto, podemos constatar que as jovens, à exceção da Jovem

C, tiveram apoio por parte da família. Os companheiros, à exceção do companheiro da Jovem A, tiveram reações de negação parental, não se responsabilizando pela gravidez. O grupo de amigos, à exceção da Jovem B, afastaram-se das jovens por estas estarem grávidas.

Outro ponto bastante importante neste trabalho de investigação foi ao nível das ajudas prestadas a mães adolescentes, onde duas das jovens destacaram a importância das ajudas a nível financeiro e a terceira jovem as ajudas a nível emocional. Uma das jovens referiu que as mães adolescentes/solteiras deveriam escolher se queriam ser ajudadas pelas entidades ou não. Concluímos que esta mesma jovem se sente vulnerável e que a sua institucionalização após ter tido um filho foi devido à sua falta de retaguarda familiar. A mesma olha o trabalho desenvolvido pelas instituições de forma negativa tendo como objetivo a retirada dos filhos, relatando que esse é o caminho mais fácil para as instituições em vez de trabalhar com as clientes sociais os seus projetos de vida.

Perante isto, é relevante referir que as três entrevistadas são jovens que estiveram institucionalizadas anteriormente por motivos heterogéneos. As jovens estavam em Lares de Infância e Juventude diferentes, embora o ponto em comum tenha sido a ocorrência da gravidez durante o período de institucionalização. Após as entrevistas e com a recolha desta mesma informação existem questões que surgem acerca do trabalho desenvolvido pelas instituições. De que forma é que o trabalho por elas desenvolvido é eficaz para a prevenção da ocorrência da gravidez na adolescência?

Em forma de síntese, podemos compreender que emerge um problema fruto da conjugação da falta de informação adequada e da utilização correta dos métodos contraceptivos. A perpetuação da exclusão por parte da Comunidade de Inserção é visível uma vez que as jovens estão institucionalizadas. Devido à nossa observação participante conseguimos compreender que os projetos de vida das jovens não possuem a sua autonomização de vida, nem a sua gestão orçamental. A autonomização de vida deveria ser um ponto fulcral no projeto de vida destas jovens, devido à falta de retaguarda familiar. Neste sentido, a segregação é um dos problemas encontrados durante esta investigação, pois as jovens desta instituição estão “à parte” da sociedade, não sendo trabalhadas para que tenham uma integração facilitada na sociedade. Em relação à gestão orçamental, é realizada pelas técnicas que exigem a entrega dos talões de todas as compras efetuadas pelas jovens. Todos os produtos comprados são minuciosamente descritos numa folha que depois é arquivada no seu processo. Essa descrição de todos os produtos comprados pelas jovens na nossa perspetiva é invasão de privacidade, uma vez que existem produtos de carácter íntimo.

Em jeito de conclusão, este estudo permitiu-nos perceber que a gravidez na adolescência implicou algumas mudanças na vida destas jovens. Percebemos que cada história de vida é única e que para além das diferenças, conseguimos encontrar algumas semelhanças nestas três histórias de vida.

## **5. CONCLUINDO E APRESENTANDO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA**

O estudo em questão permitiu-nos conhecer as histórias de vida de mães adolescentes e as consequências que o impacto da gravidez teve nas trajetórias sociais destas jovens. Permitiu-nos compreender as perspetivas da juventude, os maus-tratos e as negligências a que estão, por vezes, sujeitas, e que são perpetuados pela família, atendendo a que estamos perante jovens institucionalizadas.

Consideramos pertinente referir que a gravidez na adolescência em Portugal apresenta atualmente a segunda maior taxa de gravidez na adolescência da União Europeia. O fenómeno da gravidez na adolescência encontra-se associado muitas vezes ao insucesso ou abandono escolar, problemas educacionais, baixa escolaridade, más condições socioeconómicas e a pobreza e o desemprego levam à exclusão social que, por sua vez, condiciona o “domínio das relações sociais” (Costa, 1998, p. 29)

Nesta conclusão, fica uma breve referência à resiliência destas jovens. Nas entrevistas realizadas conseguimos compreender que se trata jovens resilientes devido às vivências que tiveram. Dos maus tratos que sofreram por parte dos progenitores, institucionalizações, gravidez na adolescência, rutura de laços sociais com os companheiros, família e grupos de amigos, e que vivem atualmente na Comunidade de

Inserção, assistimos a histórias de vida complexas que se perpetuam em contextos institucionais.

Tendo em conta a pergunta orientadora (*qual o impacto da gravidez na adolescência nas trajetórias de vida das jovens, as jovens?*), as jovens referem que os projetos de vida foram alterados devido à ocorrência da gravidez e a maior parte refere que o motivo do abandono escolar foi a gravidez. As jovens nas entrevistas demonstram que não conseguem ocupar um cargo de trabalho qualificado devido ao nível de escolaridade que possuem. Garantem que não estariam na Comunidade de Inserção se não tivessem engravidado na adolescência e que já poderiam ter a sua própria habitação se isso não tivesse acontecido.

Concluimos, então, que a gravidez precoce tem impacto nas trajetórias de vida das jovens, desde logo o abandono escolar que, conseqüentemente, implica habilitações literárias baixas, trabalhos precários e baixos salários. Podemos afirmar que estamos perante um grupo de jovens particularmente vulnerável à pobreza e à exclusão social. As ajudas prestadas às mães adolescentes são insuficientes. Quando falamos de jovens que não possuem retaguarda familiar, e que em tenra idade foram acompanhadas pelas entidades devido à negligência e maus tratos a que foram sujeitas, estamos sem dúvida a reforçar a sua vulnerabilidade.

A proposta de intervenção comunitária apresentada surge na linha de análise das várias ruturas que estas jovens sofreram ao longo da sua vida: na relação com os progenitores, na relação com os progenitores dos filhos e na relação com o grupo de pares/amigos, os quais são importantes na socialização dos jovens

Surge, assim, uma proposta de intervenção comunitária – “Educação para os Afetos”. Neste sentido, e tendo em vista promover a inserção social das jovens, seria importante:

- Desenvolver nas clientes sociais uma ideia ajustada de si mesmo, fortalecendo a autoestima e fomentar a comunicação, a compreensão e o respeito pelos outros;
- Contribuir para a melhoria das relações interpessoais;
- Desenvolver e implementar atividades para a valorização das emoções e afetos;
- Promover o conhecimento de si e do outro;
- Melhorar a verbalização das emoções;
- Trabalhar questões que envolvam o valor individual da pessoa;
- Prestar apoio socioeducativo.

Esta investigação tem como objetivo fundamental apresentar pistas para futuros trabalhos junto das populações, neste caso de jovens mães que foram mães ainda na adolescência. Importa repensar as estratégias nacionais de prevenção da gravidez na adolescência, avaliar o funcionamento das instituições que as acolhem e as formas como trabalham com as jovens os seus projetos de vida. A ineficácia das políticas sociais das mães adolescentes estão bem visíveis nos discursos destas jovens e na forma como são acompanhadas pelas instituições. É necessário trabalhar os afetos que têm por elas próprias para depois conseguirem passar os mesmos aos seus descendentes.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, A. N. (2009). *Para Uma sociologia da infância. Jogos de olhares, pistas para a investigação*. Lisboa: ICS.
- Berger, P., & Luckmann, T. (1997). *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Vozes.
- Bock, A. M. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre os livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11 (7), 63-76.
- Corsaro, W. (1993). *The Sociology of Childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press/Sage.
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Esteban, M.P. (2010). *Pesquisa Qualitativa em Educação: Fundamentos e tradições*. Porto Alegre: Artmed.
- Guerra, I. (2001). Intervenções Face à Exclusão Social Urbana: uma luta inglória? *Revista Cidades - Comunidades e Territórios*, 2, 47-56.
- Lourenço, M. M. (1998). *Textos e contextos da Gravidez na Adolescência*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *Eduser - Revista De Educação*, 2(2), 49-65
- Pais, J. M. (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: INCM.
- Percheron, A. (1993). *La socialisation politique*. Paris : Armand Colin.
- Poirier, J., Clapier-Vallado, S., & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora
- Prout, A. (2000 a). Childhood bodies, construction, agency and hybridity, in A. Prout (Ed.), *The body, childhood and society*. London: Macmillan.
- Prout, A. (2000 b). Children's participation: control and self-realisation in British Late Modernity. In *Children & Society*, 14, 304-315.
- Prout, A. (2005). *The Future of childhood: Towards the interdisciplinary study of children*. London: Routledge Falmer.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Qvortrup, J. (1991). *Childhood as a Social Phenomenon – An Introduction to a Series of National Reports*. Eurosocial Report, 36. Vienna. European Centre.
- Qvortrup, J. (1995). Childhood in Europe: a New Field of Social Research. In Lynne Chisholm (Ed.), *Growing Up in Europe. Contemporary horizons in Childhood and Youth Studies* (pp. 7-21), N.Y.: Wter Gruyter.
- Qvortrup, J. (2000). Generation – an important category in sociological childhood research. In *Os Mundos sociais e culturais da infância, Actas do Congresso* (volume II) (pp. 102-113). Braga: Instituto de Estudos da Criança
- Rayou, P. (2005) Crianças e Jovens, Actores Sociais na Escola. Como os compreender?. *Revista Educação e Sociedade*, 26 (91), 465-484.
- Samagaio, F. (2017). *Pobreza e Exclusões – Mundos Plurais, Olhares Singulares*. Faro: Sílabas & Desafios.
- Sarmiento, M. J. S. (2000 a). *Lógicas de acção nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Sarmiento, M. J. S. (2000 b). Os ofícios da criança. In *Os Mundos sociais e culturais da infância – Actas do Congresso* (Vol. II) (pp. 125-145). Braga: Instituto de Estudos da Criança.
- Sarmiento, M. J. S. (2000 c). Sociologia da Infância: correntes, problemáticas e controvérsias. *Sociedade e Cultura* 2, 13(2), 145-164.